

TRIBUNA Livre

18
ABRIL
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 - AMARES

Guerra Santa

—Por EME—

No Médio e Extremo Oriente fala-se abertamente em «guerra santa» contra o Comunismo.

A onda avassaladora do materialismo ateu, incarnado mais perfeitamente no Comunismo do que o Buda reincarnaria pela 14ª vez no actual Dalai-Lama, vai fazendo estragos por toda a parte onde depara com qualquer sinal de espiritualidade, quer ela seja cristã, maometana ou budista... Destruir todas as fontes religiosas, para as substituir pela ética materialista, pura e simples, que agita a bandeira negra do ódio para melhor serrar os punhos contra Deus, é, não tenhamos dúvidas, o lema que, a ferro e fogo, se pretende impor a todo o mundo espiritual.

A máscara enganosa, que ri sinicamente, caiu aos pés do monstro comunista, quer nas longínquas paragens tibetanas pela fuga do Dalai-Lama ameaçado, quer no Oriente Médio onde o próprio Nasser esconjura as maldosas intenções do Kremelin e prepara caminho para a «guerra santa».

Guerra santa lhe deve mover também o Cristianismo; que os Cruzados da Idade

Média se ergam do túmulo, se tanto for preciso, não já para defender a Terra Santa, mas o Santo Nome de Deus; que o mundo inteiro, ainda com fé em qualquer mística religiosa, se erga em nome dessa coisa que se chama tão galhardamente «liberdade democrática de religião», contra os carrascos do espírito, contra os opressores das consciências dos povos, que agem descaradamente sob a capa de «democracias populares»!

Parecerá a muitos puritanos que esta mistura de credos religiosos é prolixa e supérflua, sem repararem na sofreguidão do «inimigo comum», monstro que se alimenta de sangue e podridão, espalhando a morte do corpo e do espírito.

Parecerá até a alguns cristãos, ou mais expressivamente, a alguns católicos, indefensável aliança tão heterogênea, mas reparem que ela impõe-se ante ameaça jamais vista que paira sobre a Humanidade; todas as forças não são demais para vencer inimigo tão audacioso e tão cruel, que nada poupa, que nem consigo mesmo contemporiza, usando de prudência: isto confirma-se pelo desprezo da considerável força de 200 milhões de crentes, espalhados por todo o mundo, que se acoberta por detrás do Dalai-Lama e que crêem na sua reincarnação como «deus vivo».

Junte-se-lhe a guerra santa dos maometanos e adicione-se-lhe os 500 milhões de católi-

(Continua na 5.ª página)

Bodas de Prata da Acção Católica

O apostolado dos leigos, utilizando, desde sempre, na difusão da doutrina cristã, tem contribuído em muito para a grandeza da Igreja Católica e a ele se deve a fundação de algumas das mais primitivas cristandades. Combatido, durante séculos de perseguição, mesmo assim, a sua acção nunca deixou de se manifestar, estando sempre presente nas grandes jornadas de expansão evangélica. A essa acção ficou a dever Portugal uma quota parte da grandeza que alcançou a obra dos Descobridores e, algumas vezes, a manutenção da soberania portuguesa em terras de além-mar.

A Igreja, sentindo a necessidade e a conveniência de dar ao apostolado dos leigos um rumo ideológico, uma disciplina orgânica e um programa de acção, criou a Acção Católica, organização que tem por fim desenvolver a participação e colaboração dos leigos

(Continua na 2.ª página)

Tribuna de Vieira do Minho

Devido às relações que este semanário criou no concelho de Vieira do Minho, onde possui bastantes assinantes que muito apreciam a acção desempoeirada que vai desenvolvendo em prol da causa regionalista, sentimo-nos na obrigação de criar uma secção destinada a Vieira, que doravante sairá periodicamente com o título em epígrafe. É pois, com o maior prazer, que vimos anunciar aos nossos assinantes e colaboradores de Vieira, o facto, na certeza de que continuarão a honrar-nos com a sua ajuda, quer no que toque a assinaturas, quer também relativamente a colaboração, que aceitamos dos actuais ou novos colaboradores.

(Ver esta secção, na 6.ª pág.)

Impressões de uma visita ao histórico solar de Castro de Carrazedo

Antigamente, um homem do povo não ousava devassar, com tanta facilidade, os paços da nobreza, muito menos sentar-se à mesa de seus senhores; quando muito, via passar ao largo destas fortalezas de pedra, tisanadas pelo tempo, o cavaleiro andante e o peregrino que demandaram estas terras em busca de glórias, mas esses mesmos quedavam-se a distância das suas muralhas e da ponte levadiça, puxavam do buzio que traziam a tiracolo e anunciavam-se por um sinal: ou pediam hospitalidade ou desafia-

vam o nobre castelão para um duelo no descampado.

Andando de terra em terra nessa cômputa de valentias, que iam gravando em seus escudos brancos, prepararam-se, por esse desporto do tempo, para as duras lides que haviam de travar-se na guerra contra os infiéis.

As vastas quadras, destas edificações militares medievais, adornadas outrora de planópias

(Continua na 6.ª página)

Já não me posso calar

Parece à primeira vista, que o título cimeiro deste pequeno artigo, é grito de alarme ou então, entusiasmo incontido de quem não pode conformar-se com o adiamento «sine fine» de problemas assaz debatidos, que andam na mente de todos e que carecem de urgente solução.

E assim seria na verdade, se não tivéssemos a certeza antecipada de que uma aurora promissora de melhores dias, parece romper os horizontes toldados da estagnação e apatia a que maus servidores votaram a coisa política.

Salazar, um dos maiores estadistas contemporâneos, senão o maior, com mão firme de timoneiro e de mestre, através dos seus mais directos colaboradores, está a operar uma renovação prudente e metódi-

ca em todos os sectores da vida da nação.

O ambiente político está a ser saneado com a remodelação das comissões distritais e concelhias da U. Nacional, facilitando o acesso à gente moça e rejuvenescendo esse organismo que parecia decadente e sem vida.

Nas câmaras, onde por largo tempo se sentaram presidentes ineptos, que criaram situações conflituosas e de marasmo, há igualmente substituições, cujo alcance não é necessário encarecer.

Quanto ao plano de fomento, são indiscutíveis os benefi-

(Continua na 4.ª página)



Decorre, amanhã, o aniversário natalício do Ex.º Sr. D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena (Figueira), Director da Municipalidade e actual Senhor do Solar de Castro.

Tribuna Livre apresenta a S. Ex.ª sinceros cumprimentos e muitos parabéns.

PORTUGAL na GUERRA

Alguma coisa se vai conhecendo dos sucessos da última guerra.

Uma das coisas que se sabe é que Portugal esteve mesmo para entrar na luta.

Alemães e italianos fizeram o plano de atravessarem a Espanha para conquistarem Gibraltar e se apoderarem da nossa Pátria. Com os portos da Espanha, com Gibraltar, com Lagos, no Algarve, com Lisboa e Porto, com as ilhas dos Açores e Cabo Verde, ficariam senhores do Mar Mediterrâneo e do Oceano-Atlântico.

Ai dos navios ingleses que atravessassem os mares! Seriam logo afundados. A Inglaterra ficaria sem gasolina para as máquinas de guerra e sem ali-

mento para a sustentação do povo. Assim não teria outro remédio senão render-se.

As coisas iam muito mal para os ingleses. No primeiro ano de guerra os alemães afundaram 1.206 navios aliados com o peso total de 4 milhões de toneladas. No ano de 1941 afundaram mais 4 milhões de toneladas. Só em 3 meses, desde Março a Maio de 1941, os ingleses perderam 142 navios com 818 toneladas. Os estaleiros americanos e ingleses continuavam a construir, mas por cada novo navio eram afundados três.

Era terrível! A Inglaterra corria riscos da derrota. Muito pior seria se os alemães se

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Manda El-Rei pela Secretaria de Negócios de Estado da Justiça, atendendo ao terrível exemplo de prejuízo dado pelo conde de Amarante pôde alucinar alguns incontos desconhecedores dos seus interesses, deixarem-se arrastar por mal intencionados que só desejam ver derramado o sangue de seus Irmãos, e no meio da desordem da confusão e da carnagem darão cruento pasto aos empenhados odios, e antigas rixas; q. o R. do Arcebispo ou quem suas vezes fizer hordene a todos os R.R. Parocos da Sua Dioceze instrução os seus fregueses no horror que devem ter aos q. violando hum tão sagrada

(Continua da 4.ª página)

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

Uma Necessidade Social

O trabalho é uma necessidade social, visto que do céu só cai água e o homem precisa de alimentos, vestuários, casa, comodidade, higiene e cultura.

Um simples prato de sopa é fruto de muito trabalho e o próprio dinheiro só é um valor social porque representa a riqueza que o trabalho produz.

O trabalho é, pois, a coluna vertebral da civilização, já que, sem ele, a única realidade que em breve se nos depararia, seria a da caverna, onde mesmo assim seria preciso trabalhar, visto que as raízes e a caça de que teríamos necessidade para não morrermos de fome não viriam por milagre meter-se nas nossas mãos.

O trabalho é, deste modo, inerente à própria condição humana.

E como devemos trabalhar sempre, seria aconselhável transformar o trabalho num prazer. Trabalhar com alegria, com satisfação, com gosto, com amor, seria prova de grande inteligência, previsão e acerto.

Inteligência, porque demonstraria que o homem teria deixado de ser mero joguete das circunstâncias cegas que fazem tantas vezes dele um pedreiro sem vontade de construir muros, ou um médico sem tendência para o sacerdócio da medicina.

Previsão, porque, o trabalho feito com amor rende muito mais, com que todos lucrariam e, finalmente, acerto, porque não é necessário que um indivíduo viva a maior parte da sua existência numa constante luta contra si próprio, criando complexos que, ao fim e ao cabo, só trazem prejuízos para a colectividade.

Escolher a profissão é problema demasiado importante para se deixar nas mãos do absurdo ou do acaso. E o Estado moderno tem de preocupar-se com ele, multiplicando os centros de educação ou de orientação profissional, já que a riqueza da Nação, depende somente e em última análise da capacidade de trabalho de seus filhos. E embora o Estado seja, por poder dispor de largos recursos económicos da Nação, a entidade indicada para tal actividade, também os pais e professores o podem secundar largamente, procurando descobrir as tendências profissionais da juventude que têm o dever de orientar.

(Liga Portuguesa de Profilaxia Social)

CULINÁRIA

Algumas instruções para o emprego de concentrado de tomate

Não se deve mexer no concentrado senão com uma colher de pau, a fim de não o alterar.

Depois de se ter aberto uma lata de concentrado, o restante deve ser conservado isolando-o do ar por meio de uma pequena camada de azeite.

Apresentam-se em seguida algumas receitas em que se emprega concentrado de tomate. No entanto pode empregar-se esse produto em todos os pratos que usualmente se confeccionam com tomate ou calda.

Ter sempre em atenção que o mesmo efeito de 1 kg. de tomate fresco, se consegue apenas com 140 grs. de concentrado.

Peixe

—Pescada

Um quilo de pescada, 2 cebolas, 1 ramo de salsa, 1/2 decilitro de azeite, 50 grs. de pão relado, meio decilitro de molho branco e 100 grs. de concentrado de tomate.

Amanha-se e corta-se a pescada em postas e tempera-se com sal, pimenta e sumo de limão. Pica-se a cebola e a salsa e mistura-se com o pão relado. Untam-se as postas

com o azeite e envolvem-se na mistura acima. Derrete-se a manteiga no taboleiro de ir ao forno, coloca-se o peixe em cima e rega-se com o resto da manteiga. Vai a assar. Serve-se com molho branco misturado com concentrado de tomate.

—Bacalhau

Destia-se o bacalhau em pequenas tiras, depois de se ter tirado a pele e espinhas e antes de ser demolido. Lave-se de seguida, 6 vezes com água quente e fria alternadamente e limpe-se a um pano.

Refoga-se cebola picada em azeite, sem que contude aloure, junte-se-lhe o bacalhau e saltei-se, batatas fritas (pouco passadas), ovos batidos, salsa picada e concentrado de tomate. Sirva-se com azeitonas.

Carne

—Vitela

Um quilo de peito de vitela, corta-se e põe-se a corar em banha. Quando estiver corado juntam-se-lhe cebolinhas pequenas, salsa, alho picado e pimenta. Refoga-se. Junta-se-lhe algum caldo e 1 decilitro de vinho branco. Quando estiver cozido retira-se um pouco de molho do tacho, onde se desfaz o concentrado de tomate. Deve ferver ligeiramente.

—Bife

Corta-se e bate-se o bife temperando-se com sal e pimenta. Numa frigideira de barro aquece-se azeite até fumer, despeja-se o azeite e põe-se o bife dentro, sem qualquer outro tempero, até corar ligeiramente. Tempera-se então com manteiga, alho, loiro, salsa picada, vinho branco, algumas gotas de vinagre e um pouco de leite. Esprema o bife com uma faca para engrossar o molho, e junte concentrado de tomate. Sirva em cima de pão de forma frito, com conserva de legumes ou cogumelos.

—Frango

Escolha-se um frango tenro e gordo. Amanha-se em seco, lave-se e parta-se aos bocados. Ponha-se numa caçarola e junte-se-lhe um colher de manteiga, 50 grs. de toucinho fresco, passado pela máquina, 2 decilitros de vinho seco branco, pimenta, cebola, salsa e cenoura, bem picadas. Deixe-se cozer a fogo brando, e quando estiver quase pronto, junte-lhe pimentos encarnados frescos ou de conserva e 100 grs. de concentrado de tomate, desfeito no molho em que se cozeu. Sirva imediatamente.

Novas providências tomadas pelo Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social sobre protecção ao trabalho feminino.

Como foi oportunamente publicado na imprensa, o Ministro das Corporações e Previdência Social exarrou dois despachos, com datas de 6 e 13 de Janeiro de 1958, destinados especialmente a proteger a mulher trabalhadora.

Num deles recomenda-se a necessidade de se incluírem em convenções colectivas de trabalho normas que visem àquele objectivo. No outro estabelecem-se já algumas regras de aplicação imediata, para aquelas actividades em que não seja possível fazê-lo por via convencional. Em qualquer dos casos, a protecção tinha em vista exclusivamente a mulher casada.

Reconhecida, porém, a necessidade de estender o campo de aplicação de tais normas a todas as mulheres que exerçam uma actividade profissional e tenham encargos de família, assim foi determinado por novo despacho publicado no Diário do Governo de 14 de Janeiro último.

No prosseguimento de uma política de protecção destinada a acautelar e a defender os interesses e a posição da mulher trabalhadora, acaba também o Senhor Ministro das Corporações de aprovar um esquema de ordenação das disposições relacionadas com a protecção do trabalho feminino a inserir em convenções colectivas sempre que o agregado profissional, beneficiário da regulamentação, justifique a inclusão das respectivas matérias.

Cavalheiro

Solteiro, 19 anos, pretende menina dos 18 a 22 anos para fins matrimoniais.
Pede foto, devolvendo-a caso não interesse.
Resposta às Iniciais
A. C. A. C. P. 2.311.
—Luanda—Angola—

«Tribuna Livre» vende-se em Braga no Quiosque Central do Largo do Barão de S. Martinho.

Bodas de prata da Acção Católica

(Continuação da 1.ª página)

no apostolado confiado à Hierarquia da Igreja.

Comemorou-se recentemente em Fátima o 25.º aniversário da fundação da Acção Católica em Portugal.

Cerca de 900 dirigentes nacionais, gerais e diocesanos — estes procedentes de todas as dioceses da metrópole e do ultramar — assim como os assistentes eclesiais dos diversos planos, reuniram-se para tomar parte na semana de Estudos, inaugurada sob a presidência do Senhor D. João Pereira Venâncio, venerando Bispo de Leiria.

Durante as sessões de trabalho, em que intervierem os mais altos dirigentes da Igreja Católica em Portugal e individualidades de grande prestígio na vida da Nação, foram apresentadas e discutidas teses de grande interesse para o desenvolvimento da Acção Católica.

As cerimónias religiosas efectuadas durante as comemorações culminaram com uma grandiosa peregrinação em que tomaram parte cerca de 100 mil filiados de Acção Católica de todas as dioceses de Portugal metropolitano e ultramarino.

Secção de Recortes

ODECAM

LÁGRIMAS ANGÉLICAS

Choras assim! Não sei porque tu choras!
Eu acho-te tão bela, assim, chorando.
Que quando vejo que tu choras!... Quando...
Acerco-me de ti. Nunca deploras!...

Nunca te ouvi lamento, e, contemplando
Teu rosto, ao tempo que a chorar demoras,
Ficaria, por mim, horas e horas
A ver que choras, quando estás rezando!

Rezo também contigo, e, também mudo,
Rogo muito a teu Deus; prometo tudo,
Para que a precê que te torna arcanjo

Envôlta em pranto, como vai, não seja
Deferida de vez, para que eu veja
Por muitas vezes, como chora um anjo.

Lima Rodrigues

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

TRIBUNA do CONCELHO

Instrução Primária

As afirmações feitas pelo Ministro da Educação Nacional perante a presença de mais de mil professores das escolas primárias recentemente convocados para darem o seu parecer sobre a vantagem de aumentar para seis classes as quatro até agora ministradas, trouxeram à Nação uma substancial garantia de que a instrução económica é a formula mais adequada para servir os interesses dos portugueses filhos de gente humilde, grande colmeia de obreiros, e onde se têm encontrado os maiores valores para exaltar a nossa Pátria. Se queremos homens para lhes aproveitar as suas capacidades, facultemos-lhes a instrução e observemos-lhes as suas inclinações e possibilidades. O acesso às escolas superiores já se não pode chamar privilégio dos ricos quando se resida perto desses estabelecimentos. Mas para uma grande parte, talvez

a maior, ainda é preciso ter recursos cujo número é fácil de contar. A louvável iniciativa do ilustre titular da pasta da Educação, se chegar a ser posta em prática, como é de crer, vem enriquecer a Pátria com valores espirituais deslocados da sua verdadeira vocação, vem trazer para o palco da vida elementos anónimos que muito podem concorrer para a dignificação de um país já exaltado por muitos que o acaso ou a protecção particular e Divina trouxe para o enobrecimento das páginas da história. Enquanto em cada concelho não houver escolas técnicas, haja pelo menos o princípio de um desejo de dar verdadeira instrução ao povo humilde que também diz: nem só de pão vive o homem. Os seus irmãos em Cristo ficam-lhe muito gratos, Sr. Ministro, se a ideia se concretizar.

Elisio Gonçalves

O Comércio e os Caloteiros

—Por JOFER—

O carácter e o bom senso, são hoje, infelizmente, em certas pessoas, apenas uma máscara para comoflar péssimos defeitos de que são dotadas.

Essa máscara é, frequentemente, usada pelos «caloteiros» junto dos incantos comerciantes, que vendo o mesquinho desenvolvimento do seu negócio e nutrido a melhor esperança com as palavras que o «papagaio» profere, deixam seduzir-se e entregam, pelas suas próprias mãos, àquele mal intencionado, o lucro de todo o dia, ou quantas vezes, até ainda mais.

Não podemos qualificar como furto a proeza do «caloteiro», mas com um bocadinho de boa vontade e devida compreensão, podemos chamar-lhe uma «burla» — embora legal. No entanto, é uma legalidade bastante eficiente para conduzir à falência os simples e bem intencionados comerciantes.

É certo que alguns clientes, deixam de satisfazer as suas dívidas por falta de recursos, ou até, para enfrentar dificuldades que na vida lhe surgiram, — neste caso temporariamente — mas conhecemos tantos outros que só a má vontade e a falta de pudor os impede do cumprimento dos seus deveres. São estes que me obrigam a perder o meu «rico tempo» para escrever estas linhas. Deus permita que sobre elas recaia o olhar de quem quer que possa remediar este mal, para evitar o abuso dos insensatos, que apenas vivem para sacrificar aquele que honestamente quer em equilibrar a sua vida.

Para provar que posso assumir a inteira responsabilidade

destas palavras, digo: conheço, pessoalmente, funcionários que dispõem de bons ordenados e são, geralmente, os mais distinguidos na proeza dos calotes, só porque querem destacar-se e chegar, talvez onde nunca chegou a vítima das suas acções. Frequentam os cinemas, o futebol, o metrício e repimpam-se, com verdadeiro avontade, na mesa do café a tomar cerveja, mas deixam de pagar ao merceiro, ao padeiro e a qualquer outro que, em momento de aflição, lhe facilitou alguns escudos por empréstimo.

Que falta de critério tem o homem que assim procede! Obriga-se o desventurado comerciante a sacrificar os seus haveres, para que o «esbanjador» continue a manter os seus ordinários vícios.

Pode, sem dúvida, o comerciante recorrer ao Tribunal, pedindo a penhora do ordenado, mas não evita mais umas centenas de escudos e sem a certeza de resgatar o seu dinheiro, pois pode muito bem o «mal intencionado» ausentar-se para o Estrangeiro, porque de tal não fica privado.

Não é justo que o «traticante» possa fugir ao pagamento, e para tal deveriam vedar-se todas as fugas por onde pode escapar-se. O comerciante devia ter, quando bem provada a dívida, uma modalidade fácil e garantida para a cobrar. A Entidade Patronal devia ter todas as facilidades e até obrigação para descontar, no ordenado, uma dívida que o seu empregado contraiu, evitando assim, ao comerciante, despesas que o lucro da mercadoria não comporta. Seria, na

Santuário de Nossa Senhora da Abadia Uma Satisfação aos Leitores

Quando tomamos disposição de dar cumprimento à promessa, feita no último número deste semanário, de que seria dada publicidade a dois recentes milagres da Virgem Senhora da Abadia, verificamos faltar-nos ainda certos elementos para o efeito. Imediatamente procuramos entrar em contacto com a pessoa capaz de os fornecer, mas recebemos a indejável notícia que se encontrava ausente, por alguns dias.

Como — segundo os nossos princípios — consideramos de certa importância o caso a que vamos referir-nos, julgamos conveniente fazê-lo constar só no próximo número, pois só assim poderemos colher todos os elementos indispensáveis, para mi-

minha modesta opinião, a solução mais adequada para pôr cobro ao abuso dos caloteiros, que usando as mais disparatadas «artimanhas», conseguem levar a bom termo os seus intentos e encaminhar à falência o comerciante que de boa fé lhe abriu as suas portas.

Se destas afirmações, alguém pretender colher uma informação exacta, basta dispor-se a consultar os comerciantes e verá que, pelo menos, uma maioria esmagadora se lamenta neste sentido.

E enquanto que o desventurado comerciante se vê em «calças pardas» para pagar aos seus fornecedores, as suas licenças, ou contribuições ao Estado e satisfazer compromissos aos Bancos para não enxovalhar o seu crédito, o caloteiro, o homem sem carácter, o — digamos até — vigarista, passa repimpadamente ao volante do automóvel, que não tem em seu nome, com destino à cidade, onde pode saciar os seus vícios e aumentar os seus prazeres, lançando um «olhar de canto» ao seduzido que, sem querer, lhe pagou o automóvel, a gasolina e ainda financiou as suas extravagâncias. Sim; porque se não fosse insensato e tivesse satisfeito a sua dívida, não teria automóvel nem dinheiro para extravagâncias, mas teria em contrapartido o seu crédito e, portanto, abertas as portas que o seu mau humor encerrou.

São expressões de pena verdadeira, o que aqui relato caro leitor! Pena é que não se procure o remédio mais eficiente para evitar que os caloteiros ponham em prática as suas «astúcias», que tanto têm prejudicado — talvez — todos os comerciantes. Deus permita — mais uma vez — que estas linhas se encontrem sob o olhar do homem capaz de resolver, como urge, este desejo de quem pretende manter firme o seu crédito e a sua honestidade.

JOFER

nuciosamente os apresentarmos aos dignos leitores.

A todos solicitamos se dignem desculpar e de um modo especial aos devotos desta Milagrosa Senhora, tomando desde já o compromisso de o fazermos — se Deus quiser — sem falta alguma, no próximo número.

A. Fernandes.

Uma carta de Lago

Com pedido de publicação recebemos do nosso Delegado em Lago a seguinte carta:

Snr. Director da Tribuna Livre:

No último número do seu jornal vi, com espanto, uma carta de Lago, assinada com o meu nome. Não sei que interesse poderá existir em tal procedimento, a não ser o de pretender fazer crer ser eu o autor *daquilo* que não escrevi e que nem sei se é verdade.

Ao verdadeiro autor da carta não devia ficar mal assinar o que escreve, pois todo o pai não deve envergonhar-se de dar o seu nome ao filho; não proceder assim além de não ser elegante deve ser peccado mortal: é como aquele que depois de ter sido pai clandestino, ainda quer fazer crer ter sido *outro*.

É possível que o autor da carta diga que o *José António* é pseudónimo que escolheu mas tal defesa não é de aceitar pois que deve saber muito bem (ê e toda a gente) que sendo eu o correspondente do seu jornal nesta freguesia, não devia escolher para assinar as suas cartas o meu nome, pois a proceder assim, todos os leitores ficariam a julgar-me autor daquilo que não escrevia.

Muito grato ficarei, Sr. Director, pela publicação desta carta para prevenção do autor visado (e que não sei quem é) de que não deve voltar a usar o meu nome e para os leitores ficarem a saber não ter sido eu quem escreveu a carta de Lago, última.

José António Pires

Rendufe, 16-4-59

Aniversário natalício

As crianças matriculadas na escola primária de Carrazedo, alunas da distinta professora D. Carolina Arantes Rodrigues, manifestaram-lhe hoje a sua estima e gratidão pela passagem do seu aniversário natalício. Flores, palavras repassadas de agradecimento pela sua dedicação e sacrifício, e tantas coisas que ficaram por dizer porque não sabem exprimir, foi, a festa

mais alegre, a manifestação mais sincera que essa juventude cheia de anseios e esperanças podia fazer à sua mãe espiritual, sempre lembrada através dos tempos. Ao recuar à idade dos manifestantes também me quero associar a essa manifestação de alegria porque ainda tenho no meu espírito o saudoso professor José Miguel Martins, que desde 1907 a 1911, em Amares, passou os mesmos martírios que agora sente a homenageada.

C.

De Barreiros

Realizou-se no passado dia 12, domingo do Bom Pastor, uma festa de homenagem ao nosso Rev. Pároco, Padre João Baptista Ferreira.

Falaram três dirigentes dos Organismos Agrários e, pelas crianças da freguesia, testemunhando o seu carinho, foi-lhe oferecido um ramo de flores, símbolo da pureza. No final, Sua Rev. cia dignou-se agradecer aos organizadores desta pequenina festa, aos oradores, às crianças e a todo o povo da freguesia que estava bem representado. Que esta festa se prolongue por muitos anos e em honra do mesmo pastor, são os votos unânimes de todo o povo da freguesia de Barreiros.

M. A. S.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — O sr. António Joaquim Alves de Amorim, regente da Banda dos B. Voluntários de Amares e o sr. Gualdino Ramos.

Segunda-feira — O sr. Francisco Machado Duarte.

Terça-feira — O sr. José Manuel Barbosa de Macedo.

Quarta-feira — O sr. José António de Sousa Arantes Menezes.

Sexta-feira — O sr. Lionildo Arantes Menezes e o sr. José Maria Fernandes Gonçalves.

HUMORISMO

Não sabia lêr

Um indivíduo analfabeto recebeu, diante de outras pessoas, um bilhete em que um amigo lhe pedia um burro emprestado.

Olhou para o bilhete e, não querendo mostrar que não sabia ler, disse ao portador:

— Fico ciente, lá me tem daqui a bocadol

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

juramento como o q. ha pouco prestarão à Constituição da Monarquia única forma do governo q. pode fazer a felicidade dos Portugueses, se não deixado despercebidos facinar por aquelle rebelde; q. verdadeiramente lhes fação sentir os iminentes males q. lhes caberiam em partilha se deixassem contaminar-se com o tao execrando modelo. Cumprindo ao mesmo tempo fazer lhes conhecer quanta obediência devem prestar à Constituição e Lei vigente; o respeito devido às Autoridades constituídas; e quanto enfim seria sensível a S. Mag. de q. mais seitorias encontrasse o detestável exemplo de Villa Real, cujo estranho procedimento entre Portugueses tem profundam.te magoado seu coração paternal. Placio da Bemposta, em 5 de Março de 1823. José da Silva Carvalho.

Por outras semelhantes, e por huma carta da Camera assignada por El-Rei se expedirão outras ordens q. circulão por este Arcebispo; em todas as quaes sacrificamos as nossas opinioens e vontades à obediência e respeito devido às Reaes Determinaçoes.

Souo depois a voz do Nosso Augusto Soberano Rei, e Senhor, livre da coacção a q. imperiosas circunstâncias o tinhão sujeitado; e dissiparão-se os erros invencíveis, inculpáveis, e os enganões com q. nos tinha illudido hum governo intruso, em consequencia do q. mandei passar a pres.te p.a os R. Parocos q. fação observar, e a publicarão a seus fregueses à Missa conventual e registada no respectivo livro. Dada em Braga sob signal, aos 21 de Junho de 1823.

Também é verdadeiramente notável quanto a Igreja vinha de longe a desentranhar-se em constantes exortaçoens ao clero de todas as ordens, regular e secular, e agora mais uma vez e em termos de Visita de 1824, se lhe dirigia o cónego prebendado na Sé Primaz, José António Berardo da Silva e Sousa Gorjão, Visitador das igrejas de Entre Homem e Cávado e Vale do Tameil, na forma das Concordatas, etc. assim:

«Há m.to tempo, meus amados Irmãos, que nós vemos a Fé tão apagada, a Caridade tão esfriada neste século aonde a libertinagem, mais da impiedade, faz todos os dias, com vergonha da razão, e prejuizo da Religião novos progressos. E devendo nós Ecclez.cos sermos espelhos, para que os Seculares vendo a nossa boa conduta, e exemplar limpeza, e o modo com q. tratamos as cousas sanctas se firmem na Fé e Caridade. Pelo contrario, damos causa a q. elles esfriem, e a nós m.mos nos tratem de resto: pois eu — com bem magoa do meu coração o digo — que m.tos Ecclez.cos tratão sem a menor cerimonia as cousas sagradas, e com a maior indecencia entrão no Templo de Deos, e assistem aos officios divinos: como tambem o modo como alguns senhores Par.cos, ou curas levão o S. mo Viatico aos enfermos: portanto mandando aos R.dos senhores Par.cos executem à risca não só as Pastoraes dos Senhores Arcebispos mas tambem o q. determina a Constituição Deocezana, respeito não só às coroas dos Ecclez.cos mas as cores do vistuario, juntam.te a limpeza da volta no cabeção, sobrepeliz e calçado, como determinão os Sagrados Canones; e não se faz preciso mais do q. ler as penas com q. os Concibios ameaçãõ os Beneficiados, e aquelles q. tendo recebido ordens sacras, faltão a este exterior, para julgar que cometem grande pecado, e q. não estão em estado de salvação, nem de receber os Sacramentos.

«E se houver algum Ecclez.co — o q. não hé de presumir — q. logo não cumpra o determinado, o R.do Snr. Par.co debaixo da pena de suspensão me dé logo parte p. obrar o q. me parecer mais justo.

«Os Rev.dos Senhores Par.cos, curas, e Encomendados q. do levarem o S. mo Viatico aos infermos, jamais deixem de uzar veo humeral em tão respeitavel acto; de umbella, e ao menos de quatro luzes em alenternas, ou tocheiros, procedendo; o turibulo, no q. som.te penhor, e interesse a sua honra, e zelo. E na freg. q. houver comp. a do S.mo facilitará esta as opas nr.as, e não havendo, a freg.a concorrerá p.ª a despeza, bem como p.a hum livro *Ara — coeli* p.q nelle ser exposto o mais admirável Mistério do amor de J.C., na casa dos infermos»...

(Continua no próximo número)

ALAMBIQUE

Vende-se um alambique completo e em bom estado

INFORMA-SE NESTA REDACÇÃO

Portugal na Guerra

Continuação da 1.ª página

apoderassem dos nossos portos.

Era esse, na verdade, o plano de Hitler. O chefe alemão traçou a Directriz n.º 18, ou a chamada operação «Felix» para a occupação da Península Ibérica.

O Marechal Blaskowitz foi encarregado do comando dos exércitos invasores, que constariam de 8 divisões. Uma esquadra de 2 mil aviões foi entregue ao general Richthofen. Uma divisão Panzer, sob o comando do general Schmidt, avançaria imediatamente desde Cáceres na Espanha sobre Lisboa e Porto a fim de occupar a nossa pátria e impedir o desembarque inglês.

A 31 de Dezembro de 1940 Hitler escreveu a Mussolini: «Tenhamos completado todos os preparativos para atravessar a fronteira espanhola no dia 10 de Janeiro (de 1941) e alcançar Gibraltar em meados de Fevereiro». E depois viriam sobre Portugal.

Tão grande foi o perigo que esteve tudo preparado para o governo português mudar a capital para os Açores.

No dia 11 de Agosto de 1941 Churchill, primeiro ministro da Inglaterra, escreve: «O Presidente dos Estados Unidos recebeu uma carta do Doutor Salazar na qual

claramente se indica que ele está encarando os Açores como um local para onde dirigir-se com o seu governo no caso de Portugal ser invadido pelos alemães. Devido à antiga aliança de Portugal com a Inglaterra, o Doutor Salazar confia no auxilio britânico durante a sua estadia forçada naquellas ilhas».

Já vedes: grande foi o perigo em que estivemos metidos!

Mas as dificuldades não vieram só dos alemães. Também os ingleses e americanos estiveram para tomar conta de Portugal, antes que os alemães cá chegassem. O Presidente dos Estados Unidos deu em 1941 ordem aos Chefes dos Estados-Maiors das Forças Armadas para terem preparado e pronta uma força de fuzileiros navais destinados à occupação dos Açores. Seria seu comandante o general Holand Smith.

E se o fizessem? Os alemães chegariam logo, e Portugal tornar-se-ia campo de batalha. As nossas cidades seriam arrasadas, a indústria e agricultura ficariam destruídas, o povo, sobretudo os soldados, cairiam aos milhares ensopando com o seu sangue a nossa terra.

Mas acima do poder dos homens está o poder de Deus. Acima da força dos soldados está a d' Aquelle que é todo

Poderoso. Quem pode fazer mais ao povo que o Senhor protege?

Quis o Faraó, rei do Egipto, derrotar e matar o povo de Deus. Vai-lhe no encaço com a velocidade de seus carros e a valentia dos seus soldados. Já estão à beira do Mar Vermelho; os israelitas ou ficam apinhados ou se afogam no mar. Mas as águas abrem-se e partem-se ao meio. Os protegidos de Deus passam a pé enxuto a profundeza do mar e todos os egípcios morrem afogados nessas mesmas águas.

Portugal era agora o povo de Deus. Porque se voltou para o Senhor e pôs n'Ele a sua esperança, o Altíssimo cobriu com a sua sombra e o defendeu com a força do seu braço.

Todos os Senhores Bispos de Portugal estão em Fátima. É exposto na capela o Santíssimo Sacramento. Cada um dos nossos prelados, conhecendo muito bem as ameaças que sobre nós se adensavam, ajoelha diante de Deus Sacramento e faz em voz alta a promessa de contribuir para que em Lisboa se levante um grande Monumento ao Coração de Jesus se a nossa pátria ficasse livre dos horrores da guerra.

E Portugal escapou. No meio dum mundo revolto, quando por todas as nações escorria o sangue, quando as metelhadoras e carros de assalto derrubavam cidades e vilas à sua passagem, quando os aviões semeavam ruínas, a nossa pátria permaneceu firme sem que a metralha ferisse ou matasse seus filhos.

Bendito seja Jesus que nos salvou! É chegado o momento de lhe agradecermos tão grande benefício, inaugurando solenemente o seu Monumento em Lisboa. Nessa altura temos de lhe oferecer muitas orações e sacrificios para que Portugal seja a terra onde Jesus impere e Maria reine.

Temos de fazer muito mais. Jesus e Nossa Senhora não estão contentes connosco e queixam-se da nossa ingratidão. A pastórinha de Fátima, que ainda vive, escreveu não há ainda muito tempo: «O Coração do nosso bom Deus e da nossa boa Mãe do Céu continuam tristes e amargurados. Portugal, na sua maioria, não corresponde às suas graças e ao seu amor».

Correspondamos ao menos este ano! Seja ele o ano da salvação.

(Transcrição feita, com a devida vénia, da Revista «A Cruzada»).

M.P

Já não me posso calar

(Continuação da 1.ª página)

cios de carácter económico e consequentemente uma nova era de progresso que ficará registada nesses melhoramentos sem conta que enchem Portugal de norte a sul.

E como isto é verdade, não me posso calar contra os que murmuram, contra os que sussuram, gritam e contendem, porque na estreiteza da sua acanhada inteligência, obcecada por infrene paixão, só vêem os males e imperfeições que porventura existem.

Sempre houve verrugas que desfiguram, mas delas não é culpado o grande Estadista que numa doação completa de há muitos anos se vinculou ao serviço da Pátria.

Se a ingratidão não fosse moeda corrente, não é verdade que jamais os portugueses saldariam a dívida de gratidão contraída para com Salazar?

Os homens de fraca memória e a juventude irrequieta e com ânsia de novidade, já teriam esquecido que fomos poupados aos horrores duma guerra?..

Já se esqueceu que em Portugal não houve destroços, cadáveres trucidados, vítimas da fome, das torturas e nem vidas ceifadas prematuramente para serem pasto dos vermes?..

Já se esqueceu a desdita dos prisioneiros, dos escravos, dos fugitivos, dos humilhados e descalços que ainda hoje procuram um tecto, dos orfãos, das viúvas, enfim, ter-se-ia esquecido o incomparável be-

nefício da paz, que há longos anos disfrutamos?..

É um contra-senso haver insatisfação e saturação nesse bem estar que se usufrui, graças à solidez do regime que Salazar estruturou, incarnando e personifica.

Não me posso calar porque, não quero ser injusto, nem pactuar com os pusilânimes, com os madraços, os tibios, os hipócritas que se sentaram à mesa do Estado Novo, desde os Ministérios aos governos civis, às Câmaras, às Misericórdias, aos organismos corporativos e apunhalam pelas costas, traiçoeiramente.

Brado pois, contra os vendilhões da política e contra essa peçonha a corroer as bases do ordem e da paz, pelo boato, pela intriga e pela deturpação dos factos.

É preciso unidade e que se dê combate sem tréguas aos coniventes com a política de Moscovo, às sombras negras e às máscaras que pretendem desfigurar o nosso Portugal, renovado por Salazar.

**MÁQUINA
REGISTADORA
NATIONAL**

INFORMA-SE NA REDACÇÃO DESTE JORNAL

SOBRE A VENDA DA MÁQUINA SUPRA, APENAS COM UM ANO DE USO.

EM ESTADO IMPECÁVEL Modelo Moderno

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 26

(CONT)INUAÇÃO

Tinha sette palmos de ambito, e sette e meyo de alto. O lavrador me fez favor de o não gastar na obra, e o pôr fora do curral no caminho onde hoje se vê deytado, de frente das d.tas Cazas, e assim está, enq.to o lavrador ou outra pessoa não determinar delle outra couza».

E, para completa-las, retoma o fio destas memórias o padre Matos Ferreira:

«No pé do monte da Calcidonia está hu valle muyto fermoso, no qual fica o lugar de Barzes, e junto delle pelos campos se tem achado ao lavrar da terra algumas pedras lavradas, e padieyras, das quais se collige haver ali cazas, e poderia também facilmente estar naquele sitio a cidade pelo que vemos nos vestigios destas pedras que à poucos annos apparecerão Não se pode duvidar que a Igreja, que dantes havia em São João do Campo, fosse fundação e domicilio dos Cavaleyros Templários; porem, que elles fossem os primeyros fundadores não se deve consentir, pois he certo que foy hum edificio dos Romanos, como se collige de hum padrão que eu vi metido em hua parede junto à aria da antiga Igreja, aonde vi tambem algumas pedras lavradas de almofadas, e muytos pedaços de columnas grossas e delgados, q. tudo foy de edificio Romano, e suposto que algumas pessoas fazião muy certa tradição pelas insignias, que tinha a dita Igreja, e pelos vestígios que se acharão em suas ruinas, cuntudo não deyxão os tais de serem Romanos, pois no ambito da dita Igreja se descobrião debaixo lageados de tejo de quatro palmos em quadro, e tres dedos de grossura, sendo cada hum destes não só desta grandeza, mas temperados e cozidos no fogo por tal engenho e arte, que são tão fortes e duros, como a mesma pedra; achão-se tambem debayxo da terra lageados de pedra lavrada, e ricos monumentos de pedra inteiryça, em que ajustavão nelles os corpos, pés, cabeça, e braços, tudo feyto com muyta grandeza e custo; e só estes túmulos mostrão ser couza dos Templários, que tudo o mais se verifica ser dos Romanos, e juntamente elles os primeyros fundadores deste edificio, e depois poderia ser dedicado ao Baptista em tempo do Emperador Constantino Magno, pois este mandou a muitos templos dos gentios dedicar a Imagens Sagradas, e assim existiria até à destruição dos Mouros em Espanha; e das ruinas do edificio se aproveitarião os Templarios, erigindo a Igreja antiga, que de presente se achava».

De mistura com a terra, confundidos com ela, e à volta dos templos da gentilidade, que passaram a ser os dos primeiros tempos da era cristã, quase nada se distingue já dos últimos vestígios desse passado distante.

* * *

Jaziam igualmente enterrados os setenta e quatro padões que o padre José de Matos Ferreira descobriu, quando, em 1728, assistindo em seu retiro de S. João do Campo e na companhia de seu tio, o respectivo abade, rev.do Pedro de Carvalho Coelho, teve conhecimento por um Decreto Real se pedia não só notícias de Braga, mas de todas as coisas do Arcebispado para a Real Academia.

Deu-se então ao trabalho insano de desbravar o caminho da Geira, mas teve de solicitar a benignidade do Doutor Hieronymo de Cettem, corregedor de Viana, a cuja comarca pertencia T. de Bouro, para vencer a «repugnância dos indómitos camponeses», que se opunham àquela empresa, pois que em benefício de suas culturas tinham soterrado paredões e integrado em suas bouças e demais propriedades rústicas pedaços desta antiquíssima via militar.

Querem alguns, como já se disse, fazer proceder de «giros» a palavra Geira, seja das muitas voltas em que vai, rodeando os montes. Partindo, porém, do prévio conhecimento de que rigorosamente só tem este nome através do Gerês e seus contornos, qual o motivo de tais fantasias, se Geira deriva de Gerês por semelhança de termos e natural filiação?

Diz a seu respeito o mesmo Matos Ferreira: «Hua gran de excellencia tem a Geyra em Portugal, cousa que se não acha em parte menhua, e he que em tempo de milicia, que-

(Continua no próximo número)

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V-201 | TELEFONE, 3029
(S. VICTOR) | — BRAGA —

Valbom (S. Martinho) Visita Pascal

No Domingo de Pascoelo, dia 5 do mês corrente, teve S. Martinho de Valbom a sua visita pascal, que decorreu na maior alegria e satisfação.

Às 14 horas, deu entrada na referida freguesia, a excelente Banda de Covas, Terras de Bouro, que foi abrilhantar a referida visita.

Seguidamente, saíu em cortejo a cruz paroquial levada pelo mordomo Snr. Avelino Dias, para dar a beijar a todos os paroquianos da pitoresca freguesia supracitada.

Neste momento, a referida Banda de Covas, deu um magnífico brilho ao cortejo, com a marcha Nova Aurora.

O povo das freguesias circunvizinhas, deslocou-se a compartilhar na felicidade daqueles seus irmãos.

Às 20 horas, recolheu a visita em procissão para a Igreja paroquial. Que maravilha! Eis um povo crente a cantar:

Aleluia, aleluia!
Já Cristo ressuscitou!
Aleluia aleluia,
De sofrer sua mãe deixou,

Não esqueçamos cristãos,
Este venturoso dia!
Canta-se por toda a parte,
Hosana! Aleluia.

Cristo já ressuscitou,
No jardim entre flores!
Morreu e ressuscitou,
P'ra salvar os pecadores!!!

E assim termina a cerimónia da crença dum bom povo, com a benção do Santíssimo Sacramento.

J. dos Santos Martins

Tribuna de Vieira

(Continuação da 1.ª página)

veram conhecimento do facto e que «o grupinho do costume» fizera convénio para adquirir o que interessava, por tuta-e-meia. Não está certo. Consta que os factos vão ser levados ao conhecimento do SNI.

No próximo número daremos notícias mais desenvolvidas para elucidarmos os nossos leitores.

Estrada de Campos

Os muros e uma expropriação cujas contas foram feitas em papel de música e que deram origem a uma troca de cartas com a Direcção Geral de Administração Política e Civil, continuam a dar que falar. Brevemente diremos aos nossos leitores a quem cabe a responsabilidade. Aldrabrar e embrulhar, tem por vezes consequências desagradáveis. C.

Assinai

e propagai a
TRIBUNA LIVRE

GUERRA SANTA

(Continuação da 1.ª página)

cos, engrosse o número o restante mundo cristão, cresça o orbe inteiro que ainda crê, contra os que não crêem em nada e não deixam ter fé a quem dela precisa para viver a vida do espírito — quem sabe ainda manter-se ligado à crença religiosa de seus avós.

Passar a rasoura materialista na humanidade que ainda tem fé, será tabalho difficil para o Comunismo, mas é certo que vai empreendendo, gradativamente, esta colossal tarefa.

A Nato, O Pacto de Bagdad, a RAU, todos os possíveis tratados regionais devem sincronizar as suas forças contra o «inimigo comum», em serrado combate que possa suster o monstro inconsciente, que faça sair o mundo desta incerteza turturante em que se

afundam todos os valores e se vão convertendo no «zero» comunista da matéria.

A India, que está entre os dois fogos comunistas da Rússia e da China, acaba de receber uma lição que oxalá lhe aproveite para que apregoe menos «coexistência pacífica» e observe melhor o «dever de boa vizinhança» que tanto tem menosprezado e também tanto tem servido de mau exemplo aos seus ambiciosos vizinhos, agora com as garras voltadas para as suas fronteiras.

Virá ainda a ser forçado o Senhor Nehru a fazer «guerra santa» contra o Comunismo?

Tudo é possível; e seria novo triunfo contra a «besta apocalíptica» que se vai desenhando, nitidamente, no Comunismo contemporâneo.

Eme

José Pereira da Costa

CHÁS - CAFÉS

Rua dos Chãos, 102 BRAGA Telefone, 2117

JOSÉ PEREIRA DA COSTA, ex-empregado da Torrefacção Bracarense, desta cidade, vem participar aos seus Ex.ºs clientes e amigos que acaba de tomar de trespasse o estabelecimento de mercearia, **Chás e Cafés**, que pertencia ao Il.º Snr. José d'Abreu Valença, na Rua dos Chãos, 102, (telefone, 2117) onde espera e agradece ter o prazer de continuar a receber as suas estimadas ordens.

=== Toda a Gente gosta de Café do Costa ===



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 Braga



COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO,

SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

Tribuna de Vieira

Os muitos afazeres e o pouco tempo de que dispomos não permitiram que levássemos ao conhecimento dos leitores da «Tribuna Livre» certas notícias que constituem a presente crónica. Justificado o nosso atraso, vamos dar algumas informações sobre a vida religiosa durante o mês de Março.

Foi com grande júbilo que os fieis da Vila receberam o privilégio de se conservar o Sant.º Sacramento na Capela Provisória da Vila, concedido por Sua Ex.ª Rv.ª para os Domingos e dias santos para a reza do Terço de devoção e bênção do Sant.º Sacramento. Já foi um grande passo para o progresso espiritual da vila, imbuida de materialismo... Alguns passos já foram dados para enfim se ir modificando o meio e o primeiro grande passo foi sem dúvida a edificação da capela, que comporta cerca de 400 a 500 pessoas, na Residência da futura paróquia da vila, dádiva valiosa, de cerca de 300 a 400 contos, da Sra. D. Virgínia Maia, grande benfeitora da Igreja, obra que se deve ao zeloso, dinâmico e virtuoso pároco P.º Manuel Barbosa Pereira de Castro que em boa hora veio enfim facilitar imenso o cumprimento do preceito dominical, embora isso lhe custasse sacrifícios sem conta e incompreensões de toda a ordem. E é ver que agora os fieis se sentem contentes por terem ali as devoções da tarde aos domingos e como acozem, a ponto de se contarem para cima de 200, pois se sentem à vontade pela amplidão da Capela e pelo facto de ser obra deles, para a qual contribuíram com o seu óbolo.

—No dia 19 houve na capela da vila missa cantada em honra de S. José, pelo Rev.º pároco e executada pelo Grupo Coral de Vieira, formado, ensaiado e dirigido pelo P.º António Pereira Lopes, coadjutor do Mosteiro, que cantou a missa de N.ª Senhora do Sameiro do Rv.º Dr. Manuel Faria, com talbrío e mimo que entusiasmou toda a massa de fieis que enchia literalmente a capela. Antes da missa realizou-se a bênção de uma imagem de Nossa Senhora da Rosa, oferta da grande benemérita da Igreja D. Virgínia Maia.

—No Domingo de Ramos efectuou-se na Igreja paroquial do Mosteiro o tradicional sermão do Encontro, cujo orador sagrado foi o mesmo do ano transato, o Rev.º pároco de Ruivães, que fez comover quase toda a gente que ali se encontrava de diversas paróquias vizinhas. A procissão de Passos foi de grande imponência. Nas Estações, a Verónica executava aqueles cânticos «O vos omnes qui transitis per viam» cuja música era da autoria do próprio pároco, com instrumentos a acompanhar. Em muitas pessoas se viam lágrimas de comoção.

—No Domingo de Páscoa

decorreu a Visita Pascal com ordem e respeito.

Duas cruzes belamente ornamentadas, como em nenhum ano passado, pela Confraria do Senhor, percorreram toda a paróquia no Domingo. O Pároco e o coadjutor, acompanhados por irmãos da Confraria, levavam a paz de Cristo resuscitado a tocas as famílias que queriam receber essa paz que a ninguém faz mal. Não se notou o mínimo desacato.

De Rossas

Nesta imensa paróquia de Rossas, mais uma vez se realizaram as tradicionais cerimónias da Semana Santa.

Na 5.ª feira Santa fez-se o Sermão do encontro, ao qual se seguiu a procissão dos Passos que rematou com o sermão do enterro e finalmente a S.ª Missa.

Este ano sobressaiu aos de outros pela concorrência de fieis. A Igreja que de si é a maior do Arciprestado, pois é grande, estava literalmente cheia, sendo pequena para comportar todo o enchente de pessoas que de diversas partes, de fora ali, se dirigiram para ouvirem a palavra quente e entusiasta do grande orador sagrado Rev.º do Pe. Carneiro dos Seminários de Braga que durante a quaresma pregou ali, preparando o povo para as comemorações da Paixão do Senhor.

A procissão de Passos foi um acto deslumbrante pela imensa multidão. Quase toda a gente estava comovida pelas palavras do grande orador e depois pelo canto da Verónica na Procissão, presidida pelo Rev.º pároco Pe.º Domingos de Araújo P.º de Carvalho.

Depois do luto pesado, vemos a alegria da Ressurreição e a paz de Cristo é levada a todas as famílias pelo Rev.º pároco e pelo Teólogo Artur Gonçalves Fernandes, que percorreram a Vasta paróquia no domingo e 2.ª feira, havendo a maior harmonia entre todos.

Bendita seja a paróquia de Rossas.

FALECIMENTO

Faleceu no dia 13 do corrente, cerca das 11 h. no lugar de S. Pedro, recebidos piedosamente todos os sacramentos da Igreja, a Sra. D. Joaquina Teixeira, com a idade de 79 anos.

O funeral realizou-se no dia 15, às 10 horas, da sua residência para o cemitério paroquial, com a presença de centenas de pessoas da frequência e limitofes, apesar

Impressões de uma visita ao histórico solar de Castro de Carracedo

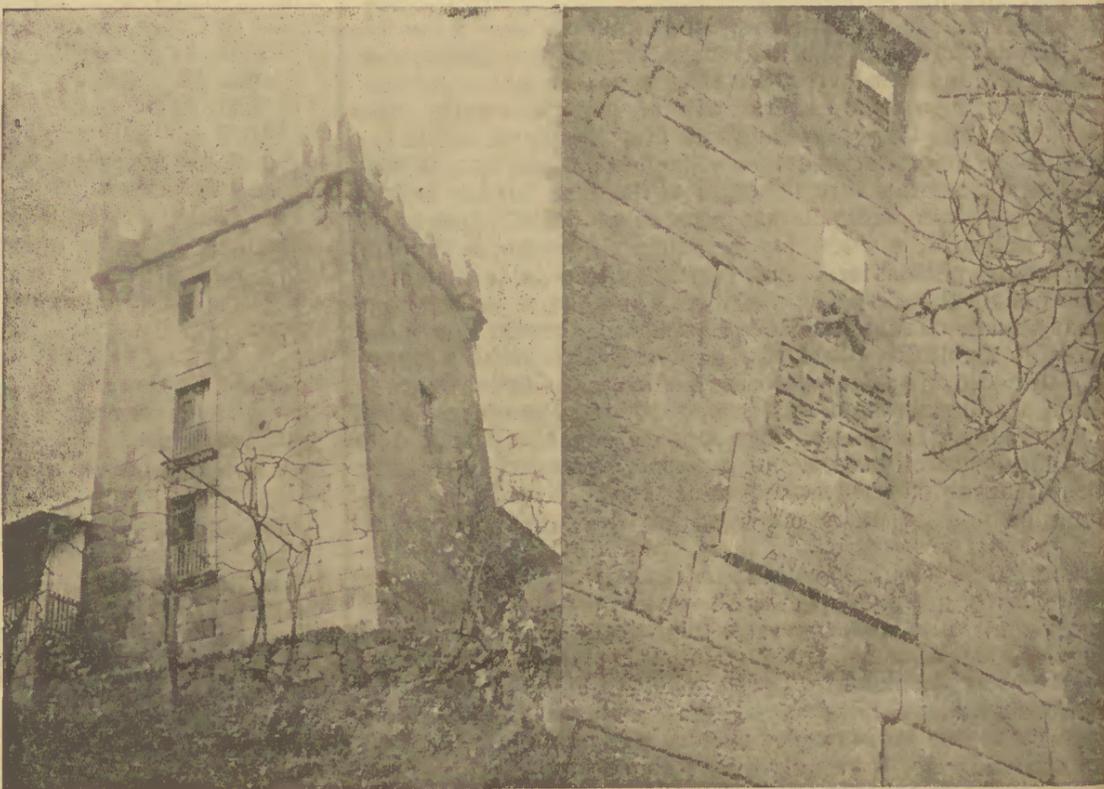
(Continuação da 1.ª página)

de armas e atavios guerreiros, por singular utopia e absurdo da História, o povo apelidou-as de «casas de mouros» e «casas mouriscas» e a fantasia envolveu-as em mistérios.

A maior desgraça do povo é a sua falta de cultura; é a razão por que no mesmo instante pode ser levado a arrastar pelo chão as próprias imagens que pouco antes venerara nos altares!

penetração da História, quando limpa de paixões doentias e tendenciosas, o homem aprende a viver do fruto da experiência; a corrigir os seus erros e com o seu exemplo os da sociedade sobre que exerce influência. Os que ignoram ou deturpam, vivendo no limitado estanque da sua vida, e sem a menor elevação espiritual; ou se apegam a períodos de desordem por serem os da sua extrema preferência, são os que tentam forçar e submeter o natural

e guarnecidos dos vestígios de seus antigos esplendores: quadros, pinturas, mobiliários; onde a vida fidalga não é diferente da do simples burguês, porque se lhe iguala nas preocupações diárias do amanhã e trato da terra, ou das lides discretas do governo da Casa, só há uma grande distância, uma enorme diferença que infelizmente nem todos sabem avaliar e compreender—é o timbre da verdadeira nobreza que aí se sente e respira no ambiente de



Dois aspectos da Torre Solar de Castro, dos antigos donatários de Entre Homem e Cávado

Por ventura já se viu melhor meio de falsear a História que a invenção do romance e da novela histórica, numa época em que tão ridiculamente se acusaram os antigos historiadores de terem-na enchido de patranhas e os modernos se arvoraram em censores, para dar neste extermínio de todos os princípios e tradições que se assistiu a uma verdadeira campanha de deformação da História e, com ela, de deformação social?

Pelo conhecimento e com-

desenvolvimento dos acontecimentos à lei da brutalidade, provocando injustiças e violências.

O valor da obra pode reconhecer-se pelos seus efeitos. Não estão em causa a importância e o valor da literatura do século XIX, porém a sua qualidade e intenções subteis.

* * *

Se estas cidadelas continuam a impôr-se pelo seu exterior aspecto guerreiro, a dentro de seus amplos salões armoriados

do tempo ser de rigoroso inverno.

Teve officios fúnebres e exéquias solenes na igreja paroquial de Rossas, presididos pelo pároco P. Domingos P. Carvalho, a que assistiram diversos sacerdotes de Vieira e Póvoa de Lanhoso. Deixa mergulhados em profunda dor seus irmão e filho que a rodearam sempre do mais sincero carinho e piedade filial. Acompanhamos neste doloroso transe da sua orfandade o Il.º Sr. Dr. Carlos Teixeira, lente da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

A Sra. D. Joaquina profundamente crente, caritativa e grande educadora, desejamos e esperamos o eterno repouso em Deus. Ao grande arqueólogo e paciente sondador de urânio ao Serviço

da Comissão de Energia Nuclear, ilustre rossaniense, e a seu tio e demais família, sentidos pêsames.

Fazemos votos para que o Sr. Dr. Carlos Teixeira, depois deste transe tão doloroso, continue a ser grande na sua fulgurante inteligência de mestre, na cátedra universitária ou na criteriosa e difícil investigação pelas serras de Portugal.

Pausada Mendes Ribeiro

No passado domingo dia 12, procedeu-se à arrematação de alguns móveis na Pousada que foi propriedade do Sr. Mendes Ribeiro e últimamente adquirida pelo Estado. Fomos informados que poucas pessoas ti-

(Continua na 5.ª página)

um elevado e atraente convívio familiar.

Só pela história e pela literatura eu tinha conhecimento do que havia no importantíssimo Solar, um tanto convencido de que se tivessem dispersado essas originais fontes de informação histórica, demais numa época em que todas as forças se têm empenhado em desperdiçar, destruir patrimónios de incalculável valor cultural.

Felizmente, errei em meus cálculos! Encerra-se ali um precioso fundo de pergaminhos e de manuscritos, a reclamar paciente e demorada investigação que, se Deus quiser, mais o seu legítimo detentor, lhe será dispensada.

Ao inteligente critério e inextinguível espírito de conservação e de justiça do Ex.º Sr. D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena, e se manifestam em seu cuidado de ter feito voltar a concentrar-se ali todo o avultado recheio de que se compunha o cartório da Casa de seus ilustres antepassados—em nome daqueles de Entre-Homem e Cávado, presentes ou ausentes, que tenham competência para avaliar quanto importa a presença desse património a dentro dos limites de suas terras e concelho, visto que nele se compendia a sua história numa existência de mais de quatro séculos—muito obrigado!

Domingos M. da Silva